mento Geral de Comercialização do Trigo Nacional — cuja eficiente estrutura de campo forneceu, em momentos diferentes, os valores adotados como referenciais pela CACEX — efetuou, em 29/3, uma revisão do número estimado para a colheita de Mato Grosso. Deste modo, chegou-se a novo cálculo para a safra brasileira: 9,065 milhões de t que comporão, possivelmente, o novo limite inferior da CACEX.

A nível de mercado internacional, por ser hoje inegavelmente o grande fundamento das oscilações do complexo da soja — visto que mantém elevadas as exportações e o esmagamento norte-americanos — a safra brasileira foi a responsável por nova recuperação dos preços internacionais da soja, com a avaliação das estimativas da CFP, em 6/4. Passando a considerar uma colheita entre 9,3 e 9,7 milhões de t, a CFP inseriu-a no intervalo atualmente admitido pela CACEX.

NUVENS NEGRAS TEMPORARIAMENTE AFASTADAS.

Qualquer que seja o volume real da produção brasileira, o horizonte sombrio atribuído ao mercado mundial da soja foi abalado. A quebra da produção brasileira terá repercussões no futuro, que influirão no mercado mundial, a despeito da expansão da leguminosa nos EUA. Embora sejam prematuras as especulações sobre as próximas safras do Brasil, parece certo o aparecimento de limitações ao avanço da sojicultura. O principal impedimento pode ser visualizado desde agora, na quantidade e, principalmente, na qualidade das sementes.

GRANDES OFERTAS INFLUENCIARÃO O FUTURO.

Parece bastante improvável a substituição do plantio da soja pelo de outras culturas. Ao contrário da Argentina, nossos produtores não têm demonstrado, até o momento, maior interesse pela troca pelo milho, ou pelo sorgo — culturas de menor rentabilidade. Para os próximos anos, no entanto, caso o clima não proporcione surpresas, os fazendeiros norte-americanos poderão manter os acréscimos nas áreas de soja, o que impedirá variações espetaculares nos preços da leguminosa e repercutirá em nosso meio agrícola.

RECONVERSÃO: OPÇÃO PARA UM FUTURO MERCADO DEPRIMIDO?

No Brasil, então, o reflexo do ciclo pecuário, conseqüência dos abates de matrizes a taxas maiores do que as normais, nos dois últimos anos (considerando-se normal uma taxa de 20%, afigura-se excessiva a taxa do biênio: 40%) poderá implicar uma reconversão dos campos de soja em pastagens, ao menos em áreas pecuaristas tradicionais como o Rio Grande do Sul. Será, evidentemente, um processo lento, pois não há possibilidade, nos próximos dois anos, de expansão da fronteira pecuária, pela pequena oferta de novilhos para reposição nos pastos deixados vazios pelo boi gordo abatido.

A sondagem do futuro é sempre incerta, mas a recomposição orgânica de suas características começa a ser definida hoje.

PECUÁRIA

O NOVO PREÇO.

A decisão quanto ao valor do reajuste anual do preço do leite situou-se em 30% — ponto médio entre as sugestões dos dois ministérios diretamente envolvidos na questão. Quanto ao início de vigência do novo preço, resolveu-se dividi-lo em duas parcelas: 18,75% a partir de 25/4 e 11,25% em 1/7. No entanto, o aumento efetivamente con-

cedido resulta inferior a 30%, na medida em que a segunda parcela (11,25%) será corroída pela inflação dos meses maio e julho.

BAIXOS PREÇOS INTERNACIONAIS.

Mais uma vez, o reajuste não atenderá às reais necessidades do produtor. Os baixos preços internacionais do leite em pó permitem maior flexibilidade às áreas de decisão, uma vez que qualquer entrave eventual ao abastecimento poderá vir a ser contornado por importações.

INFLUÊNCIA DOS ESTOQUES DA CEE.

A timidez com que foi implementado o plano de estocagem de leite em pó no país pode ser explicada pelos estoques abundantes da CEE. Estes estoques internacionais respondem em grande parte pelas baixas cotações do produto. A nível nacional, o pequeno estoque formado não aproveitou eficientemente os excedentes da safra que se encerra e poderão, no máximo, influir positivamente sobre as eventuais importações futuras. Restam, portanto, duas considerações sobre os efeitos do novo preço, com relação ao mercado interno.

CONVERSÃO LEITE–CARNE.

As crescentes cotações conseguidas domesticamente pela carne, tendência esta que deverá persistir por mais tempo, podem induzir a um maior desvio da produção de leite para nutrir bezerros, futuros bois gordos. Segundo trabalho da CEPA-MG, o rebanho misto tem na região Sudeste, tanta expressão quanto o rebanho tipicamente leiteiro (25,8% e 24,6% respectivamente), diferenciando-se pelas suas taxas de crescimento: para a pecuária mista, no período 70/76 esta foi de 0,35% contra um crescimento negativo para pecuária leiteira (-1,36%) para o mesmo período. Dada a expressão do rebanho misto e o bom preço da carne bovina é de esperar maior conversão leite–carne.

MARGEM DE INTERMEDIAÇÃO.

Quanto ao beneficiamento do leite, a insatisfação do setor industrial com o reajuste da intermediação poderá resultar em aumento da utilização da matéria-prima para outros fins mais lucrativos. A convivência, na área industrial, de vários produtos oriundos de uma única matéria-prima permite que a orientação da produção siga definida em função da intensidade com que é exercido o controle de preços sobre cada produto específico. Pode-se esperar, portanto, que o setor se dirija para segmentos que não o leite tipo C tabelado.

Também colaboraram neste número os seguintes estagiários:

Irene Freire Raguenet
Sônia Uderman
Lauro Flávio Vieira de Faria
Rogério Carneiro Campello
Pedro Henrique Junqueira Reis
Jorge Batista Torres

Revisão de Originais: César Romero Garcia